

## **A dupla face das águas, o sopro da argila: criação e aniquilamento, vida e morte em *Avalovara* e Brumadinho**

The double face of the waters, the breath of clay: creation and annihilation, life and death in *Avalovara* and Brumadinho

*Luciana Barreto Machado Rezende\**

*\*Universidade de Brasília (UnB)*

---

**Resumo:** Para o escritor pernambucano Osman Lins (1924 – 1978), a arte está imersa em seu tempo histórico, portando o necessário engajamento ante os dramas sociais e os grandes temas existenciais, alinhando, assim, representação a resistência – o que coincide com o entendimento assinalado por Antonio Candido de que o gesto literário enfeixa tempo, forma e conteúdo. Este artigo demarca a ambição capitalista desmedida somada ao recorrente desleixo governamental quanto às redes de proteção social nos episódios do crime ambiental e humanitário envolvendo o município mineiro de Brumadinho, extraídos da realidade brasileira recente. Em alinhamento a esse drama nacional, focalizo, assim, as situações narrativas que perpassam o romance *Avalovara* (1973), em especial os personagens Abel e Cecília, esta última entidade alegórica do tempo-memória, cujo corpo-mundo é habitado por velhos, doentes, enfermos, bêbados, ladrões, famintos, demarcando, desse modo, a desolação sociocultural e a deterioração ecológica, bem como a debilidade da frágil condição humana. Abordam-se ainda a exploração predatória do níquel e do ferro e o destino mineral de Minas Gerais no horizonte poético de Carlos Drummond de Andrade, além da releitura crítica por parte de José Miguel Wisnik, como modo de percepção alargada da realidade e do mundo.

**Palavras-chave:** *Avalovara*. Osman Lins. Brumadinho. Mineração. Carlos Drummond de Andrade.

---

**Abstract:** For the writer from Pernambuco Osman Lins (1924 - 1978), art intertwines with its historical time and is necessarily engaged in social dramas and major existential themes, thus aligning representation with resistance - which coincides with the understanding, stated by Antonio Candido, that the literary gesture embodies time, form and content. This article outlines the excessive capitalist ambition added to the recurrent governmental omission regarding the social protection networks in the recent episodes of environmental and humanitarian crimes involving the municipality of Brumadinho. In alignment with this national drama, I therefore focus on the narrative that permeates the novel *Avalovara* (1973), especially on the characters Abel and Cecilia. This last one is an allegorical entity of memory-time, whose body-world is inhabited by the old, the sick, the drunk and hungry, thieves, thus demarcating sociocultural desolation and ecological deterioration, as well as the frailty of the vulnerable human condition. It also addresses the predatory exploitation of nickel and iron and the mineral destiny of Minas Gerais in Carlos Drummond de Andrade's poetic horizon, in addition to the critical reinterpretation by José Miguel Wisnik, as a way to expand the perception of reality and the world.

**Keywords:** *Avalovara*. Osman Lins. Brumadinho. Mining. Carlos Drummond de Andrade.

---

## Introdução

*A palavra, porém, não é o símbolo ou reflexo do que significa, função servil,  
e sim, o seu espírito, o sopro na argila.*

Osman Lins

Para o autor pernambucano Osman Lins (1924 – 1978), a obra literária “estatui normas, quebra-as, insere-se com maior ou menor expressão no contexto social, pode até associar-se a erros já existentes, assim como modificá-los. É um ser vivo, contingente, imerso no mundo” (LINS, 1969, p. 76). E por compreender a arte como imersa em seu tempo histórico, a partir da elaborada denúncia de desmandos políticos, condicionamentos culturais e injustiças socioeconômicas de toda ordem, o escritor alinha representação a resistência – conceito este que provém especialmente da ética, cujos valores despertam a mirada crítica dos artistas. Compreensão similar é compartilhada por Otto Maria Carpeaux, na introdução do primeiro volume de *História da Literatura Ocidental*:

A literatura não existe no ar, e sim no Tempo, no Tempo histórico, que obedece ao seu próprio ritmo dialético. A literatura não deixará de refletir esse ritmo – refletir, mas não acompanhar. Cumpre fazer essa distinção algo sutil para evitar aquele erro de transformar a literatura em mero documento das situações e transições sociais. A repercussão imediata dos acontecimentos políticos na literatura não vai muito além da superfície, e quanto aos efeitos da situação social dos escritores sobre a sua atividade literária será preciso distinguir nitidamente entre as classes da sociedade e as correspondentes “classes literárias”. A relação entre literatura e sociedade – eis o terceiro problema – não é mera dependência: é uma relação complicada, de dependência recíproca e interdependência dos fatores espirituais (ideológicos e estilísticos) e dos fatores materiais (estrutura social e econômica) (CARPEAUX, 2011, p. 39).

Em seu romance *Avalovara* (1973), o qual, junto ao público e à crítica, surpreende na mesma proporção que desafia – seja por sua inovadora complexidade estrutural e poética cifrada seja por seu pródigo lastro simbólico –, configurando, do ponto de vista da modernidade literária, uma obra ficcional que guarda poucos paralelos no Brasil, Osman Lins imprimiu ainda especial relevo social e político à trama. Pelo enredo, atravessado pela

atmosfera da ditadura militar e as subseqüentes censuras políticas, o destino do protagonista Abel está indelevelmente ligado a três mulheres, que o conduzem à sua jornada existencial rumo ao êxtase amoroso e a progressivas iluminações quanto ao sentido da sociedade, da vida e do mundo, por meio de suas indagações e expressões como cidadão, escritor, criador.

Nesse contexto, as tensionadas relações sociais derivadas de um cenário de desigualdades, concentração de renda e progressiva supressão das liberdades individuais, dado o contexto no qual o livro foi escrito – e cuja data foi propositadamente explicitada ao fim do romance (22 de novembro de 1969 a 1º de dezembro de 1972), trazendo, assim, o tom e o tema da opressão, da qual, como assinalou, “nenhum indivíduo subtrai-se ao seu contágio” (LINS, 1973, p. 329).

A partir do entendimento assinalado por Antonio Candido de que o gesto literário enfeixa tempo, forma e conteúdo e de que “o escritor, numa determinada sociedade, é não apenas o *indivíduo* capaz de exprimir a sua originalidade, mas alguém desempenhando um *papel social*” (2019, p. 83-84), demarco, neste artigo, a ambição capitalista desmedida somada ao recorrente desleixo governamental quanto às redes de proteção dos cidadãos, especificamente nos episódios do crime ambiental e humanitário que envolveu o município mineiro de Brumadinho, extraídos da realidade brasileira recente. Em alinhamento a esse drama nacional, focalizo, assim, as situações narrativas que perpassam *Avalovara*, em especial os personagens Abel e Cecília, esta última entidade alegórica do tempo-memória, cujo corpo-mundo é habitado e atravessado por velhos, doentes, enfermos, bêbados, ladrões, famintos, demarcando, desse modo, a desolação sociocultural e a deterioração ecológica, bem como a debilidade da frágil e controvertida condição humana. Sem perspectiva alguma de redenção, dado o estado imemorial de banidos do Éden, é na linha narrativa intitulada T – *Cecília entre os leões* que mais avulta a situação de injustiça social do Brasil do final da década de 60 e as intempéries indignas enfrentadas por camponeses e canavieiros.

É nessa chave de comprometimento e contestação que Osman Lins fixa, então, a andrógina Cecília, sensível e engajada assistente social. De modo alegórico, em sua carne perambula a marcha indistinta das ruas, dos campos: “Cecília, portadora de corpos, romã de populações, não é um ser à margem” (LINS, 1973, p. 210). Outros marcadores temporais colaboram na composição histórica dos anos 60, como as reivindicações das Ligas Camponesas e as condições desumanas nos canaviais, conferindo, assim, fidedignidade histórica à narrativa.

Tiro da máquina o papel onde procuro ordenar ideias vagas sobre o caos, jogo-o à cesta, **abro distraído um jornal. Notícias alarmantes sobre as Ligas Camponesas** e nas quais a voz do Tesoureiro parece ecoar, assustada e vingativa. Devo talvez invejar suas opiniões aladas, eu que

insisto no hábito ou na deformação de pesar, sempre, todos os lados das questões, achando que só assim posso chegar a uma conclusão não muito distorcida. **As condições de vida dos cassacos nos canaviais são desumanas?** Logo me vem que os senhores de terra do Nordeste nunca poderiam pensar e atuar de maneira diferente (LINS, 1973, p. 171, grifos meus).

Em entrevista concedida à revista *Escrita*, em 1976, o escritor sublinha o imperativo ético e político inscrito em sua resignificação literária da realidade, a exemplo de “Retábulo de Santa Joana Carolina”, publicada no livro *Nove, Novena*, de 1966:

[...] uma narrativa a meu ver política, e altamente violenta, enquanto a maioria das pessoas tende a ver naquele texto uma narrativa quase religiosa, [...] mas ela é a narrativa de um protesto violento contra o modo de como o pobre é tratado no meu país (LINS, 1979, p. 220).

Especificamente acerca de *Avalovara* e a personagem Cecília, assim elucida o despertar da consciência social no protagonista-escritor:

[...] quem é o personagem central do *Avalovara*? É o escritor inédito, um escritor que começa como eu, nos meus primeiros tempos como escritor. Ele conhece essa moça na Europa, há os problemas de confronto de culturas, mas ele, quando conhece essa mulher, é um tipo totalmente indiferente à nossa realidade política. **Através do seu contato com Cecília**, a segunda figura feminina que vem a encontrar, é que ele **passa por uma espécie de aprendizado**. A Cecília é uma pessoa interessada inclusive no problema das Ligas Camponesas [...]. Abel ama Cecília. Essa figura é uma mulher e ao mesmo tempo ela é feita de seres humanos; ele vai pela praia com Cecília, por exemplo, e num determinado momento se vê rodeado por figuras que saíram do corpo de Cecília. Essas figuras estão integradas no corpo de Cecília, mas ao mesmo tempo que fazem parte do corpo de Cecília podem se desprender do corpo dela como seres humanos que recuperaram sua concretude. E o Abel tem uma grande alegria, pois **através desse amor a Cecília ele pode amar no corpo dela, de maneira concreta, a humanidade**, coisa que só pode se amar abstratamente. Mas no caso de Cecília não, ele amava o corpo de Cecília e **dentro dele estavam os homens, estavam aqueles seres aos quais estamos ligados e aos quais eu, como escritor, estou ligado, o que através dessa parábola procurei expressar** (LINS, 1979, p. 221, grifos meus).

Ao desdobrar os entrecruzamentos entre literatura, sociedade e história, em seu artigo “Formações ideológicas na cultura brasileira”, Alfredo Bosi sublinha que toda narrativa naturalmente ultrapassa o campo pessoal, refletindo, necessariamente, “o *ethos* de uma geração que compartilhou durante algum tempo as mesmas perplexidades no plano das ideias e no plano de valores” (BOSI, 2015, p. 243).

Nessa perspectiva, Osman Lins plasma, por meio do seu personagem-escritor Abel, uma cosmovisão que não apenas recepciona a matéria mítica e sagrada acerca do tempo *ab initio* e do mistério da criação *ab origine*, como encampa as incertezas, hesitações, descrenças que sustentam todo e qualquer percurso existencial contemporâneo. Em especial, a sua indignação ante a uma realidade excludente e política opressiva, reiterando o horizonte que sempre perseguiu: “Meu romance não é indiferente à inquietação do nosso século no que se refere à criação artística” (LINS, 1979, p. 179).

Frente à decadência socioeconômica brasileira nos anos 60, no transcurso de *Avalovara*, emblematicamente na praia dos Milagres, em Olinda, no estado de Pernambuco, os cenários despontam como infernais, apocalípticos, insustentáveis – tão somente escombros e desolação, “pedaços de paredes meio enterradas, restos de portas ou de vigas, lajes quebradas, ferragens, moradias destruídas” (LINS, 1973, p. 311).

## 1 Trauma histórico e representação literária: descaso, escombros e destruição

Pois no Brasil do século 21, após avanços advindos de governos progressistas, o Estado de bem-estar social lamentavelmente volta a retroceder, e a ganância capitalista vem deixando seus rastros de morte e destruição. A falta de investimentos continuados em infraestrutura e as condições insuficientes de salubridade e de proteção ao trabalhador resultaram no rompimento da barragem da mina do Córrego do Feijão pertencente à companhia multinacional Vale S.A., eclodindo, em 25 de janeiro de 2019, a criminosa tragédia em Brumadinho, município de Minas Gerais. Simplesmente, a corporação multinacional de receitas bilionárias não cumpriu o esperado protocolo de segurança e quase 300 vidas foram sumariamente soterradas e ceifadas, além de dezenas de corpos desaparecidos e perenes danos de ordem ambiental, com a poluição irreversível do rio Paraopeba em 360 km de extensão, bem como prejuízos econômicos imensuráveis a toda região. Cabe lembrar que a empresa Vale é uma das maiores mineradoras do mundo, nascida em 1942 no Brasil desenvolvimentista de Getúlio Vargas e privatizada, em 1996, no governo de Fernando Henrique Cardoso.

Esse presumido desastre se repete após outro grave desabamento de barragem na área de mineração na cidade de Mariana, também em Minas Gerais, em novembro de 2015, cuja responsabilidade pode ser diretamente creditada à empresa Samarco, igualmente comandada pela Vale, ocasionando uma enxurrada de lama tóxica com dezenas de mortos e a devastação indelével da bacia hidrográfica de Rio Doce, ou seja, o assassinato de todo um ecossistema.

Não à toa, a exploração predatória do níquel e do ferro e o destino mineral de Minas Gerais foram encampados no horizonte literário de Carlos Drummond de Andrade, em uma obra considerada emblemática na ilustração da degradação do ambiente e da vida – daí o seu célebre poema “A máquina do mundo”, do livro *Claro Enigma*, de 1951, que, além de dialogar com tradição a partir do alegorização do universo e de seu funcionamento, como indica o próprio título, ao propor a percepção totalizante do mundo em uma mirada cósmica, conjuga-se à aridez da realidade, ao “efeito concreto da máquina mineradora na transformação avassaladora da geologia e da ecologia sociocultural desse território material e afetivo” (WISNIK, 2018, p. 18).

José Miguel Wisnik, em seu livro-ensaio *Maquinação do mundo: Drummond e a mineração* (2018), assim explica a observação poética do mineiro de Itabira acerca, por exemplo, do aniquilamento topográfico do pico do Cauê, corroído pela extração progressiva do minério de ferro por parte da Companhia Vale do Rio Doce, a qual destruiu, em definitivo, a paisagem de sua memória natal e afetiva, como dispõe em uma das suas prosas em *Contos do Aprendiz*: “a boca da mina, lá longe, pequena mancha preta no dorso cinza-roxo da montanha” (DRUMMOND, 1992, p. 43). Para o ensaísta,

[...] vida e obra de Carlos Drummond de Andrade (1902 – 1987) correm em paralelo com os desdobramentos da mineração em Itabira, indo da potência aparentemente indomável do Cauê quase virginal [...] até a entronização engolidora do aparato técnico-explorador que consolida o protagonismo da Companhia Vale do Rio Doce no mercado mundial (WISNIK, 2018, p. 115).

Quanto às montanhas de Minas, as quais integram a paisagem-memória-imaginário drummondiano, Osman Lins também registra o seu fascínio em crônica publicada em 1960, no *Jornal do Commercio*:

Azuis, cinzentas, verdes, algumas vezes brancas, férreas outras vezes, cercam-nos sempre as montanhas de Minas. Presença constante, são a princípio simples curiosidade paisagística. Em breve, porém, sentimos

que é maior a sua importância – e que elas, se não têm uma qualidade moral, pelo menos a infundem. Não se pode contemplar, impunemente, essas montanhas. Elas dão à terra, à superfície da terra, sentimo-nos cercados por panoramas cujas linhas se estendem com a mesma força, tanto no horizontal, como no vertical. Se a escalamos, sua altura nos comove; se estamos no alto, a larga área que então descortinamos nos insufla a sua própria amplitude. Ficamos de alma e coração maiores, ante as montanhas de Minas Gerais (LINS, 1960/2019, p. 28).

Nas seguintes passagens do notável poema “A máquina do mundo”, estruturado em versos decassílabos, na simulação do intervalo temporal entre o crepúsculo do “fecho da tarde” e a “consumação da treva mais estrita” encena-se o pasmo existencial ante o ‘sentimento do mundo’ – flagrante *tópos* que integra o seu imaginário literário – e o espanto metafísico, o inefável (e inexplicável) engenho cósmico, que se deixa atravessar pela ruína ambiental decorrente da exploração gananciosa do minério de ferro:

É como seu eu palmilhasse  
**uma estrada de Minas, pedregosa,**  
e no fecho da tarde um sino rouco  
[...]  
e tudo que define o ser terrestre  
ou se prolonga até nos animais  
e chega às plantas para se embeber

no **sono rancoroso dos minérios,**  
dá volta ao mundo e torna a se engolfar,  
**na estranha ordem geométrica de tudo,**

e o absurdo original e seus enigmas,  
suas verdades altas mais que todos  
monumentos erguidos à verdade:

e a memória dos deuses, e o solene  
sentimento de morte, que floresce  
no caule da existência mais gloriosa,

tudo se apresentou nesse relance  
e me chamou para seu reino augusto,  
afinal submetido à vista humana.  
[...]

**A treva mais estrita já pousara**

**sobre a estrada de Minas, pedregosa,**  
e a máquina do mundo, repelida,

se foi miudamente recompondo,  
enquanto eu, **avaliando o que perdera,**  
**seguia vagaroso, de mãos pensas.**  
(DRUMMOND, 1973, p. 197-200, grifos meus).

Compreendida à luz da questão mineral, para Wisnik, “a famigerada máquina pede para ser entendida não apenas como a aparição intempestiva do Absoluto (que também é), mas como a indicação elíptica de um trauma histórico”, além de “uma intuição totalizante dos dispositivos de dominação e exploração que se abrem no mundo do pós-guerra, de vastas consequências para a visão do contemporâneo” (2018, p. 46).

## 2 Responsabilidade ética e engajamento pela palavra

Nesse viés crítico de releitura do mundo, é possível associar o horizonte capitalista predatório de lama e devastação já antecipado por Drummond, na década de 50, àquele que Osman Lins, há quase 50 anos, em *Avalovara*, já apontava como descaso político, estagnação social e ambição do grande capital: “Os trens, quando saem do Recife, atravessam os alagados negros. Homens e mulheres, a lama podre à altura dos joelhos, caçam caranguejos e mariscos [...]. A lama cheira a carniça e está sempre cheia de urubus” (LINS, 1973, p. 148).

A exemplo do horror dos dejetos tóxicos e do soterramento de centenas de trabalhadores e familiares em Brumadinho, no romance osmaniano o mal-estar, a impotência e a aflição física que acometem o protagonista Abel prenunciam a tragédia que susta o seu idílio com Cecília:

Sinto uma dor na perna, o ombro dormente e ouço dentro do quarto um barulho de ferragens rolando sobre lajedos. **Existem a dor, a dormência, os lajedos, os ferros? Nas trevas, continua aceso o abajur de papel. Sua luz, porém, nada ilumina.** (LINS, 1973, p. 133, grifo meu).

A potência impiedosa das águas funestas e turvas da barragem da mina do Córrego do Feijão tem igualmente legado dor, dormência, lajedos, ferros, enrodilhando e sustando a vida e o porvir em Brumadinho e distritos próximos – o que, em *Avalovara*, vem em forma de vaticínio:

[...] e no fundo do meu ser decomposto eu deploro não haver mergulhado, morrido afogado, enredado nos meus fios. Eu a salvaria, com isto, para tão outras manhãs! O mar golpeia as pedras, avança, corrói as fundações na praia dos Milagres [...] – **tudo a caminho do aniquilamento** (LINS, 1973, p. 89, grifo meu).

Entre incompetência e descaso, envolvendo cobiça capitalista inescrupulosa e permissividade governamental, os danos ambientais, sociais e humanitários na região explorada pela mineradora em Minas Gerais se somam irreparáveis. No arco realidade-representação, para Lins, o ofício do escritor perante a sociedade sempre configurou um ponto nodal, algo a lhe exigir posicionamento público e responsabilidade ética. Tanto em *Guerra sem testemunhas*, seu livro de ensaios datado de 1969, quanto nas entrevistas dispostas em *Evangelho na taba* (1979), a questão recorrentemente emerge, sublinhando não somente o comprometimento do escritor, como ainda o engajamento que integrava o horizonte de suas preocupações. Ao ser indagado quanto à possibilidade de incluir em sua visão cosmogônica acerca da criação artística a historicidade do homem brasileiro, assim responde:

Eu aceito a história, e me volto para a história, aceito os meus compromissos diante da história e não quero renunciar a eles, principalmente levando em conta o momento histórico em que nós vivemos no Brasil. [...] É possível que se eu vivesse num mundo mais justo, num país mais justo, eu pudesse me entregar de maneira mais tranquila à minha inclinação para uma visão cósmica do homem. [...] **estou naturalmente voltado para o universo, mas continuo ligado de maneira profunda à realidade do meu tempo, ao dia-a-dia, aos acontecimentos diários do meu povo.** E é possível até que isso prejudique os meus escritos, que venha dar aos meus escritos uma certa carência de unidade. Não faz mal. Eu aceitei esse risco. O que eu não quero é me dissociar dos problemas, do **drama do homem brasileiro**, do meu povo (LINS, 1979, p. 219, grifos meus).

Ajustando-se a lupa para a realidade factual – “A poesia fugiu dos livros, agora está nos jornais”, como defende Drummond em seu contumaz *leitmotiv* no campo da poesia social –, histórias de quem sobreviveu por pouco ao rompimento da barragem ainda se acumulam: fuga desesperada pela mata, busca angustiada por amigos e parentes, gritos débeis de socorro, o solo arrasado, o rio poluído, a fauna e a flora tomadas, a dor aturdida frente ao soterramento,

o vazio aterrador diante do deserto de lama: Em reportagem da BBC<sup>1</sup>, de 29 de janeiro de 2019, Thalyta Souza, de 15 anos, relata que estava quase sufocada quando conseguiu emergir da espessa lama de rejeitos<sup>2</sup> e pedir ajuda. Foi resgatada por bombeiros, com a bacia, o maxilar e o fêmur quebrados. Alessandra de Oliveira conta que a força da onda era tanta que teve a sensação de estar dentro de um liquidificador: “A única imagem que a gente tem é como se estivesse dentro de um liquidificador gigante, sendo girada de um lado e para o outro, esmagada por pedra, pau, ônibus, veículo, porta, tudo vindo para baixo, esmagando as pessoas, quebrando tudo”.

Em outra matéria veiculada pela BBC<sup>3</sup>, em meio à fuga da violenta e veloz avalanche de rejeitos da barragem rompida, dezenas de outras histórias dramáticas assomam, muitas marcadas por mortes e desaparecimentos de familiares e amigos. Vera Souza Araújo Vilaça, de 64 anos, cuja casa – hoje soterrada – encontrava-se a sete quilômetros da montanha de rejeitos, narra como conseguiu escapar e salvar o irmão Manuel Souza Araújo, de 57 anos, e o marido Geraldo do Carmo Vilaça, de 70 anos:

Passei debaixo de uma cerca de arame farpado, corri por uma pinguela de quatro metros (uma ponte de tábua que atravessa um corpo d’água, com um corrimão de bambu, por onde a população costumava passar devagar e com cuidado para não cair), e corri até chegar em casa. Eu não sei de onde veio essa minha força. Meus nervos da perna estão todos doloridos até agora (ROSSI, 2019, s. p.).

Depois do alerta de Vera, “foi o tempo de levantar e fugir. Nós tivemos 3 minutos. Não tinha mais tempo, a avalanche já estava a 100, 50 metros da casa da gente”, conta Geraldo. Naquela altura, a lama já havia levado o refeitório e a área administrativa da Vale e eliminado a Pousada Nova Estância, engolfando também o bairro Parque da Cachoeira. “É um som assustador, da lama derrubando árvore grande, quebrando telha, levando casa, carro”, conta Geraldo. “É um som de filme de terror”, diz a esposa.

A lamentável recorrência de acidentes envolvendo barragens de minérios de credita ao Brasil o triste posto de campeão mundial, por ser o país com o maior número de desastres evitáveis. Pelo Relatório da Agência de Meio Ambiente das Nações Unidas, que vem fazendo esses registros desde 1985, foram três acidentes com perda humana ou grave dano ambiental

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47051231>. Acesso em: 8 mar. 2021.

<sup>2</sup> Rejeitos, na atividade de mineração, são os resíduos sólidos resultantes dos processos de beneficiamento a que são submetidas as substâncias minerais.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47035740>. Acesso em: 8 mar. 2021.

de 2014 para cá: rompimento de uma barragem da Herculano Mineração, em Itabirito (MG), em 2014; o vazamento na barragem do Fundão, em Mariana (MG), em 2015; e a tragédia com grande perda de vidas, em Brumadinho, em 2019<sup>4</sup>.

Entre a observação da realidade, a memória individual e os episódios históricos, tanto Carlos Drummond de Andrade quanto Osman Lins fixaram as suas premonições distópicas em suas proposições literárias. A violência do capitalismo extrativista em Minas Gerais, o ecocídio continuado no Nordeste. Nesse sentido, a face violenta das águas, como rastro de destruição e morte, também comparece em *Avalovara*, a partir de inúmeras passagens que ilustram a presença inapelável de um destino dramático, cenas pontuadas por ameaças, tumulto e devastação, envolvendo Abel, Cecília e os outros personagens que compõem a narrativa, além de outros elementos simbolicamente associados aos renitentes círculos de privação e aflição humana, em uma espécie de reencenação social do Inferno. A própria figura da Morte aparece personificada na mulher que bate à porta do chalé da família de Abel:

Algo parece faltar, entretanto, nos sons, no rosto da desconhecida, na voz magoada e vagamente perversa. Dou um passo à direita, rápido. Ela é mais velha do que suponho e o lado esquerdo do rosto não existe. Orelha, ossos, olhos, supercílio: um buraco, um vão. Relação de espécie alguma entre as doenças humanas e a destruição desses tecidos. O que consome o rosto à minha frente é algo mais sutil e decerto o mais voraz, o que destrói feito uma chaga incurável é o nada (LINS, 1973, p. 157).

E o manto da Morte vai a tudo ocupando para contribuir com a atmosfera fatalista que culmina com o acidente na praia dos Milagres e o fim dramático de Cecília, “condenada desde a noite em que me esquivo à morte na cisterna” (LINS, 1973, p. 159).

Abro o vidro do carro; o vento grosso sopra-me na cara. Desligaram a sirene da ambulância. Janelas acesas, poucas, no Hospital de Santo Amaro. Rasa e infestada de mocambos a bacia do rio Beberibe. Da lama, com os seus jardins de mangues, de mariscos, de caranguejos, vem um cheiro de carniça. [...]

Corro para o banheiro. Livrar-me do bicho oco (não: **bebedor de lama**, comedor de palha) que me ocupa o estômago. Um sabor de fel enche-me a boca, sinto o amargor na garganta e jogo com violência para o buraco do vaso sanitário todas as pragas que sei. Jogo-as contra o

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47034499>. Acesso em: 8 mar. 2021.

Tesoureiro, ignorando que as pragas são menos contra ele que contra a sua morte, isca desviando-me para a condenação e o fim prematuro de Cecília. Não poder, eu, vomitar-me, **com toda minha lama e a lama da Terra!** (LINS, 1973, p. 193-194, grifos meus).

Outros trechos confirmam os presságios em torno do fim drástico de Cecília – “a advertência das coisas” – e, junto a ela, a população de degredados sociais e evadidos da cidadania, a exemplo dos apartados da sociedade, vítimas renitentes da sociedade excludente brasileira:

As grandes pedras amontoadas ao longo da costa para deter o martelar constante e cada vez mais mordente das ondas vão sendo vencidas pelas águas. Mas as águas são verdes sob a manhã e o céu azul já não entra pelas janelas dessas moradias destruídas: inunda, com a sua luz, os cubos antes formados pelas paredes em pó. Descemos do cabriolé. Andamos sobre as pedras, dedos enlaçados, entre os restos de salas e de quartos (onde muitos casais certamente se amaram e semelhantes àquele onde a Gorda nos hospeda, com seus odores de frutas e um leão à janela), vagamente atingidos por essa **advertência das coisas**. De súbito, a um só movimento, assaltados pela noção exaltante da nossa existência e dos dons que trazemos, voltamo-nos um para o outro e abraçamo-nos. O rosto de Cecília arde e também os seus olhos ligeiramente oblíquos. Subimos novamente no cabriolé.

[...]

**Esfarrapados, doentes, trôpegos (surgem de onde?), deixam o corpo de Cecília como quem deixa uma cidade empestada.** Uma nuvem de pássaros escuros, vindos do mar e multiplicando-se nos ares, cobre por um momento o sol e uma noite breve, ilusória, escurece a praia e o mar. Freiras centenárias, de hábitos arregaçados, enfiam **lixo e bosta** nas tabacas sangrentas. Um velho, de cócoras, se esporra na mão. **Estou ante Cecília e no seu âmago** (LINS, 1973, p. 312-313, grifos meus).

Presságio igualmente fatalista circunda Minas Gerais: a ameaça de novos rompimentos de barragens em todo o estado, que possivelmente arrasarão cidades, populações e rios inteiros. E vidas são passíveis de indenização? Os reparos a serem empreendidos são mais dispendiosos do que o ressarcimento a famílias que tudo perderam? A mensuração é apenas monetária?

Daniel de Faria Galvão, integrante do grupo de pesquisa Trabalho e Resistências, da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em artigo publicado

no site Justificando, aponta que o Tribunal Regional do Trabalho da 3ª Região já propalava a “a tragédia anunciada dos níveis precários da segurança do trabalho em nosso País”<sup>5</sup>. O explícito desprezo ao humano e ao meio ambiente confirma a que vem o projeto capitalista predador. Tanto no município de Mariana quanto em Brumadinho foram verificadas, à época, pela Superintendência Regional do Trabalho e Emprego em Minas Gerais (SRTE-MG)<sup>6</sup>, conforme anota o pesquisador,

[...] inúmeras falhas na segurança da barragem, como a ausência ou inexistência de dispositivos de monitoramento, falta de manutenção preventiva, não eliminação de risco conhecido, falta de critérios para correção de inconformidades e ausência de projeto (GALVÃO, 2019, s. p.)<sup>7</sup>.

## Considerações finais

Em *Avalovara*, vale reiterar que Osman Lins, em seu indeclinável imperativo ético, compôs uma obra que postula o mundo, não declina dos problemas do homem do século 20, a partir dos quais fabula, a seu modo, uma suprarrealidade a espelhar as nossas inquietudes – do campo filosófico e poético ao político e social.

Em sua apreensão nada idealizada da realidade, por ocasião da separação do primeiro dos seus amores, a germânica Annelise Roos, da qual se enamora na cidade de Paris, e da morte de Cecília, em Olinda, Abel profere violentos discursos escatológicos, suficientemente fortes e expressivos em si mesmos, cuja sujidade não escapa ao leitor. Diz Abel quando perde Roos: “Ejaculo meu ódio, meus testículos soluçam, choro pelo pênis, ouço-o gemer” (LINS, 1973, p. 298). Pouco adiante, incitando o caos e o assolamento do mundo, exorta: “Desabem as paredes, arsenais inteiros voem pelos ares, incêndios se alastrem, apodreça a água nos reservatórios, rachem-se os esgotos, voem os telhados, vergastem o ar os cabos telefônicos” (LINS, 1973, p. 298-299). Mais brutal, porém, é o tsunami verbal ocasionado pela morte de

<sup>5</sup> Disponível em: <https://portal.trt3.jus.br/internet/conheca-o-trt/comunicacao/noticias-juridicas/nj-especial-indenizacoes-a-vitimas-do-acidente-na-barragem-do-fundao-sao-pagas-na-jt-de-minas>. Acesso em: 8 mar. 2021.

<sup>6</sup> Disponível em: [http://ftp.medicina.ufmg.br/osat/relatorios/2016/SAMARCOMINERACAORELATORIOROMPIMENTOBA RRAGEM20160502\\_09\\_05\\_2016.pdf](http://ftp.medicina.ufmg.br/osat/relatorios/2016/SAMARCOMINERACAORELATORIOROMPIMENTOBA RRAGEM20160502_09_05_2016.pdf). Acesso em: 8 mar. 2021.

<sup>7</sup> Disponível em: <http://www.justificando.com/2019/01/29/entre-brumadinho-e-mariana-o-tempo-do-homem/>. Acesso em: 8 mar. 2021.

Cecília. Nas palavras atravessadas por nojo e dor, reconhece as injustiças, a podridão do mundo, pronuncia o esterco, em sua dicção concreta e fétida:

Rodeia a Terra um hálito hediondo de peidos, de cus arrombados e sujós. [...] Um círculo de papas, nus, as mitras inclinadas sobre um poço, os sedenhos voltados para o Sol, vomitam no abismo. **A vida inteira: merda e breu. Futuro e sonho, certeza e segurança, projetos engendrados na insciência, fodam-se.** [...] Levanto-me, olho em redor, vejo-me só. Então, fico de quatro pés, ponho a testa no chão, enfio os dedos nas beiradas do sedenho, e brado, cago, brado, clamo para o mundo, puto, soluçando, puto da vida, falo pelo rabo, blasfemo pelo rabo, entre os dentes do cu que a terra come, cago no chão com a boca, todo eu me transformo no esgoto do verbo, cagando palavras mortas, cascas de palavras, dentro da morta, nem eu próprio as reconheço, estranhas, **falar é nada e ninguém mais me ouve, eu não me ouço, ninguém mais, ninguém.** O mar bate nas pedras (LINS, 1973, p. 313-314, grifos meus).

Sob a lupa osmaniana, a patente insalubridade, as adversidades sociais, a precariedade material dos centros urbanos brasileiros:

Quente e abafado o ar, apesar do aguaceiro repentino. Abro uma das janelas. **As águas já devem estar levando mocambos, nos alagados de Campo Grande, no aterro de lixo do Coque.** Despeito quando a chuva recrudescer — e então rompem os limites do sono, flutuando no quarto, números flâmulas mesas cadeiras pranchas, tudo carregado de um sentido arbitrário. Exprimem prioridade e envolvem-me, a mim, um nadador meio acordado. Virá essa ideia de prioridade da presença de Cecília? **Ela embebe tudo, mesmo a destruição?** (LINS, 1973, p. 236-237, grifos meus).

E o que a tudo embebe (até mesmo a destruição), Brumadinho e, por extensão, Minas Gerais, tornou-se lócus-chave para compreender o que foi e prossegue como implacável predador, bem como para nos convocar a exigir a urgência da responsabilidade. Sob as controvertidas bravatas daqueles que consideram a segurança de trabalho e a legislação ambiental como obstáculos para o ‘esperado’ progresso, a ética – em seu clamor tanto conceitual quanto factível – deve assumir seu caráter de coletividade, justamente para barrar os deslizos e as corrosões pessoais e institucionais. Renato Janine Ribeiro alerta:

[...] o mundo como está pode se tornar insustentável. Isso vale para nós como humanidade. Na ética, ganha-se materialmente como uma coletividade. Como indivíduos, pode ser que tenhamos de perder para sermos éticos. Não há saída: ou agimos eticamente, ou o mundo acaba (RIBEIRO, 2008, p. 168).

Relembro, aqui, a assertiva de Lins, a de que a decisão de escrever deve nascer de “um desejo de sondar o mundo e interpretá-lo, de projetá-lo e ao mesmo tempo perquiri-lo através de uma obra. É um impulso, um desafio” (LINS, 1969, p. 63). E na dupla face das águas, tanto a que gera e forja o homem quanto a que arrasta e aniquila, por meio de Cecília-corpo-mundo, Recife a espelhar o universo, o Abel osmaniano transita da jubilosa ordem ao caos terrificante, à perda que se faz maiúscula, inapelável.

E, junto a nós, cidadãos e leitores do mundo, a espiral prossegue regirando o seu ciclo, assim como as águas cumprem seus cursos. E, assim como o Brasil inteiro, Onofre Agostinho da Silva, 64 anos, um dos sobreviventes de Brumadinho, que perdeu o sobrinho e o cunhado na tragédia, simplesmente não compreende como tantas vidas acabaram debaixo de lama, em uma tragédia completamente anunciada. “É muito triste pensar que existe vida embaixo desse barro”<sup>8</sup>.

Diante do Carlos de Itabira que segue vagaroso e de mãos pensas, ante o Onofre-corpo-mundo, frente à Cecília, portadora de populações, os quais enfeixam outros tantos homens, mulheres, crianças, idosos, as atividades mineradoras prosseguem devorando montanhas, engolindo vidas; e o capitalista predatório sumariamente abreviando destinos. Resta, porém, o brávia da palavra literária e da subsequente memória como reduto possível de engajamento e enfrentamento, a selar e fixar a acachapante realidade que a tudo invade.

## Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Contos de aprendiz*. Rio de Janeiro: Record, 1992.  
ANDRADE, Carlos Drummond de. *Reunião (10 livros de poesia)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.
- BOSI, Alfredo. *Entre a literatura e a história*. São Paulo: Editora 34, 2015.

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.vix.com/pt/noticias/569705/4-relatos-emocionantes-dos-sobreviventes-de-brumadinho-existe-vida-embaixo-desse-barro>. Acesso em: 8 mar. 2021.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2019.

CARNEIRO, Júlia Dias. Brumadinho: ‘É como estar dentro de um liquidificador gigante’, conta parente de jovem resgatada no ‘último suspiro’. *BBC News Brasil*, São Paulo, 29 jan. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47051231> Acesso em: 8 mar. 2021.

CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. São Paulo: LeYa, 2011. v. 1.

GALVÃO, Daniel de Faria. Entre Brumadinho e Mariana, o tempo do homem. *Justificando*, [Online], 29 jan. 2019. Disponível em: [www.justificando.com/2019/01/29/entre-brumadinho-e-mariana-o-tempo-do-homem/](http://www.justificando.com/2019/01/29/entre-brumadinho-e-mariana-o-tempo-do-homem/). Acesso em: 8 mar. 2021.

GERALDO, Nathália. 4 relatos emocionantes dos sobreviventes de Brumadinho: “Existe vida embaixo desse barro”. *VIX*, [Online], 31 jan. 2019. Disponível em: <https://www.vix.com/pt/noticias/569705/4-relatos-emocionantes-dos-sobreviventes-de-brumadinho-existe-vida-embaixo-desse-barro>. Acesso em: 8 mar. 2021.

LINS, Osman. *Avalovara*. São Paulo: Melhoramentos, 1973.

LINS, Osman. *Evangelho na taba: outros problemas inculturais brasileiros*. São Paulo: Summus, 1979.

LINS, Osman. *Guerra sem testemunhas*. São Paulo: Ática, 1969.

LINS, Osman. *Nove, novena*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

LINS, Osman. “As Montanhas de Minas”. In: ANDRADE, Ana Luiza; MOREIRA, Cristiano; NAVEGANTES, Rafael Dias (org.). *Imprevistos de arribação: Osman Lins nos jornais recifenses*. Cidade de publicação: Papaterra, 2019. v. 2, p. 28-30. (Crônica original publicada em 1960).

MINAS GERAIS. Justiça do Trabalho. Tribunal Regional do Trabalho da 3ª Região. Indenizações a vítimas do acidente na barragem do Fundão são pagas na JT de Minas. *Notícias Jurídicas Especiais*, Belo Horizonte, 19 jun. 2018. Disponível em: <https://portal.trt3.jus.br/internet/conheca-o-trt/comunicacao/noticias-juridicas/nj-especial-indenizacoes-a-vitimas-do-acidente-na-barragem-do-fundao-sao-pagas-na-jt-de-minas>. Acesso em: 8 mar. 2021.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E PREVIDÊNCIA SOCIAL. Superintendência Regional do Trabalho e Emprego em Minas Gerais. Seção de Segurança e Saúde no Trabalho. *Relatório de análise de acidente: rompimento da Barragem de Rejeitos Fundão em Mariana-MG.* [S. n.]: MTE, abr. 2016. Disponível em: [https://ftp.medicina.ufmg.br/osat/relatorios/2016/SAMARCOMINERACAORELATORIO ROMPIMENTOBARRAGEM20160502\\_09\\_05\\_2016.pdf](https://ftp.medicina.ufmg.br/osat/relatorios/2016/SAMARCOMINERACAORELATORIO ROMPIMENTOBARRAGEM20160502_09_05_2016.pdf). Acesso em: 8 mar. 2021.

PASSARINHO, Nathalia. Tragédia com barragem da Vale em Brumadinho pode ser a pior no mundo em 3 décadas. *BBC News Brasil*, São Paulo, 29 jan. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47034499>. Acesso em: 8 mar. 2021.

RIBEIRO, Renato Janine. Ética ou fim do mundo. *Organicom*, São Paulo, v. 5, n. 8 (Dossiê Ética e Comunicação nas Organizações), p. 161-169, 1º sem. 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/138975/134323>. Acesso em: 8 mar. 2021.

ROSSI, Amanda. Tragédia em Brumadinho: a impressionante fuga de casal de idosos sob ‘som assustador’ de enxurrada de lama. *BBC News Brasil*, São Paulo, 29 jan. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47035740>. Acesso em: 8 mar. 2021.

WISNIK, José Miguel. *Maquinação do mundo: Drummond e a mineração*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

**LUCIANA BARRETO MACHADO REZENDE**

Doutora em Literatura e Práticas Sociais pela Universidade de Brasília (UnB), com pesquisas sobre Osman Lins, Hilda Hilst, Clarice Lispector e Fernando Pessoa. Possui Mestrado em Teoria Literária (2008) e Graduação em Comunicação (1992), pela mesma instituição. Integra os Grupos de Pesquisa Estudos Osmanianos: arquivo, obra, campo literário e Literatura e Cultura, ambos associados ao CNPq.

**Lattes ID:** <http://lattes.cnpq.br/0418213077071865>

**Orcid ID:** <https://orcid.org/0000-0002-2416-2085>

**E-mail:** [lubarretinha@gmail.com](mailto:lubarretinha@gmail.com)